

EXTRATIVISMO DE BALATA NA AMAZÔNIA: HISTÓRICO E ATUALIDADE

DOI: <https://doi.org/10.29327/210932.10.1-13>

Luciomar da Silva Almeida Filho
Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais,
Amazonas-Brasil
luciomar.almeida13@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4924-6058>

José Alberto Lima de Carvalho
Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais,
Departamento de Geografia, Amazonas-Brasil
albertogeografo@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5154-0029>

RESUMO: Nos últimos anos, com o aumento de demanda, muitos recursos naturais chegaram próximo do esgotamento devido à exploração desenfreada por alguns setores econômicos; por outro lado, a tecnologia e o avanço de substitutos sintéticos fizeram certos recursos serem abandonados pela economia, fazendo com que todo um circuito econômico e histórico que envolviam tais recursos caísse no esquecimento. O presente artigo tem como objetivo compreender, a partir da literatura disponível online, o processo de exploração da balata, uma goma não elástica produzida a partir do látex extraído da balateira (*Manilkara Bidentata*), uma sapotácea, que, devido ao auge da sua exploração ter ocorrido juntamente com o da exploração da Seringueira (*Hevea brasiliensis*), não recebeu a devida atenção de cientistas e setores econômicos. Tenta-se articular quais fatores históricos a fizeram experimentar um apogeu e em seguida o declínio, e as relações de trabalho que envolviam e ainda envolvem a balata.

PALAVRAS-CHAVE: Balata. *Manilkara Bidentata*. Exploração.

BALATA EXTRACTIVISM IN THE AMAZON: HISTORY AND THE PRESENT TIME

ABSTRACT: In the last years, due to increased demand, many natural resources have come close to depletion due to unrestrained exploitation by some economic sectors, on the other hand, technology and the advancement of synthetic substitutes have caused certain resources to be abandoned by the economy, causing a whole economic and historical circuit involving such resources fell into oblivion. This article aims to systematize, from the literature available online, the exploration process of balata, an inelastic gum extracted from the species *Manilkara Bidentata*, a sapotácea, which, due to having occurred together with the exploration of Rubber Tree (*Hevea brasiliensis*) did not received due attention from scientists and economic sectors. An attempt is made to articulate which historical factors made it experience an apogee and then a decline, and the work relationships that involved and still involve balata.

KEYWORDS: Balata. *Manilkara Bidentata*. Exploration.

INTRODUÇÃO

O extrativismo tem sido entendido como primeira modalidade de exploração econômica, se limita à coleta de recursos na natureza que podem ser consumidos “*in natura*” ou podem ter seus usos condicionados ao beneficiamento ou industrialização, por ser uma atividade com baixa produtividade e declinante com o passar do tempo - devido dinâmicas de mercado e o monopólio extrativo –, as atividades extrativas têm sido associadas ao esgotamento desses recursos, o que fez surgir ações conservacionistas, notadamente no que tange à proteção da floresta amazônica (HOMMA, 1983).

Homma (1983) esclarece que as principais ideias que concebem o extrativismo é a existência de recursos que tenham possibilidades para exploração e que sejam competitivos em relação a substitutos ou complementares. Ele classifica o processo extrativista em dois grupos que se diferenciam pela forma de exploração: Extrativismo por aniquilamento ou depredação e Extrativismo de coleta.

O objetivo do presente artigo é compreender o processo histórico de exploração de balata na Amazônia, como é feita a extração do látex no balatal e ainda mostrar como ocorre atualmente a cultura em volta da balata. Além disso, organizar informações sobre o látex e a espécie explorada, situar sua exploração ao contexto histórico e dispor informações sobre como ocorre atualmente a exploração de balata e seu potencial de aplicações.

Balata se refere ao látex extraído da árvore conhecida popularmente como Balateira, a espécie faz parte da família *Sapotaceae* e recebe o nome científico de *Manilkara Bidentata* (A. DC.) A. Chev, é uma árvore de grande porte que pode chegar a atingir entre 12 e 30 metros de altura, ocorre no bioma amazônico e sua distribuição geográfica conhecida se dá no Brasil, Peru, Venezuela, Colômbia e Bolívia (ALMEIDA JR, 2010; GOMES, 2006; RIOS, PASTORE JR., 2011).

É uma espécie que habita regiões de clima quente com temperaturas maiores que 20°C, em florestas periodicamente inundáveis, florestas de campina e também de terra-firme, crescem também em regiões montanhosas e úmidas, com precipitação entre 1500 e 2000 mm anuais (RIOS, PASTORE JR., 2011).

A exploração gomífera foi fundamental no desenvolvimento dos estados da região Norte e na inserção desses no circuito econômico internacional nos séculos XIX e início do século XX, entretanto somente o extrativismo da Seringueira (*Hevea Brasiliensis*) é lembrado e amplamente estudado, devido aos aspectos históricos em escala global de sua exploração. Porém, vale ressaltar que diversas espécies de árvores eram exploradas para retirada de látex, tanto no Brasil quanto na América do Sul e Central, entre elas a Balateira (CARVALHO, et al., 2018).

Muito do que se sabe sobre as relações de trabalho no circuito da balata está presente em textos históricos em formato de prosa, como na publicação de Lins (1991), que faz uma sistematização do contexto socioeconômico na Bacia do Rio Jari. Sobre a balata,

ele explica que essa goma recebeu atenção distinta nas três fases que separa a história das atividades econômicas no Jari e ressalta que a atenção maior foi na fase Portugueses.

Souza (2017), em sua dissertação, organiza o levantamento bibliográfico feito pelo Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia (Pepca), onde enumera vinte e seis publicações sobre a balata e coloca que seis trabalhos dão enfoque sobre o balateiro em formato de prosa; cinco ressaltam aspectos botânicos, cinco, aspectos históricos e econômico; três, a relação dos balateiros com povos indígenas; três, a participação feminina no extrativismo; dois sobre direitos dos balateiros; um foca no artesanato; e, por fim, um que fala da extração da balata atualmente na cidade de Monte Alegre.

A Pepca também coloca dois documentários onde é abordado sobre a balata: o mais antigo, **No País das Amazonas**, dirigido por Silvino Santos e Agesilau de Araújo de 1922, e **Balatais de Saudade**, produzido pelo próprio Pepca, em 2013 (SOUZA, 2017).

Carvalho (2013) argumenta que são poucas as fontes disponíveis para que se possa reconstituir uma trajetória seguramente fidedigna sobre a exploração da balata no Brasil, e a autora destaca que são expressivas as análises botânicas e econômicas, tais como de BRANT, 1900; HUBERT, 1907; Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará, 1986; LE COINTE, 1947 entre eles outros relatos históricos e literários, como os de ALMEIDA, 1979; BRILHANTE, 1998; LINS, 2001; MEIRA, 1984; e REIS, 1999.

Relatórios e boletins técnicos são também importantes ferramentas que possibilitam conhecer aspectos químicos e características que distinguem as espécies das quais se extraem látex. Monteiro (1943) faz observações sobre a extração da balata e outras gomas em Alenquer e Monte Alegre, no Pará. Por sua vez, o Boletim técnico, elaborado por R. F. A. Altman (1956), descreve sucintamente a química do látex de Maçaranduba, outra Sapotácea que também gera uma goma não elástica (*Manilkara Huberi*).

A partir da metodologia, o presente artigo abordará brevemente sobre a história da economia da Amazônia, a extração do látex da balateira e, por fim, sobre o circuito econômico da balata nos séculos em que ocorreram, a fim de estabelecer a importância da exploração da balata como recurso natural na economia, principalmente do norte do Brasil, nos séculos XIX e XX.

A metodologia deste trabalho consiste na revisão da literatura disponível digitalmente sobre o processo de exploração da balata, mas é importante ressaltar que o referencial teórico usado para fundamentar o texto não abrange todo o conhecimento produzido a respeito da balata, ou seja, o que se pretende é organizar, por meio da revisão assistemática, informações mais gerais sobre esse recurso natural.

As bases de dados onde foram realizadas as buscas incluem: Base de dados da Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária (EMBRAPA); Base de dados do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA); Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Google Acadêmico[®]; Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Sistema de Recuperação automática de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Esta-

tística (SIDRA-IBGE); e Banco Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

BREVE HISTÓRICO DA ECONOMIA DA AMAZÔNIA

A história da Economia Amazônica pode ser dividida a partir dos interesses do mercado característicos de cada época, que demandou da floresta diferentes recursos ao longo da história do Brasil, desde o período colonial. Políticas desenvolvimentistas fizeram gerar ciclos produtivos, a partir do século XVIII até atualmente, vários projetos foram implantados sempre com o discurso de colocar uma barreira de proteção desse território, que guarda grande riqueza e biodiversidade (SOUZA, 2017).

No período colonial, a economia era pautada basicamente na coleta das “drogas do sertão” e, somente a partir do século XIX, a produção gomífera passou a representar relevância significativa no cenário econômico da região devido às necessidades do mercado internacional (MAGALHÃES, 2006).

Segundo Bueno (2012), o interesse pelo látex da Amazônia existe desde 1743, quando o naturalista Charles Marie de La Condamine, em uma viagem pelo rio Amazonas, observou que os indígenas extraíam um líquido leitoso e viscoso, com características elásticas e impermeabilizantes de uma árvore. Ele levou uma quantidade para a França para estudar e terminou por popularizar a substância pela Europa (BUENO, 2012 citado por SILVA, 2018).

O período conhecido como ciclo da borracha é comumente identificado como compreendendo os anos de 1870 a 1910, mas é constatado que, desde 1840, a economia da região Amazônica já era baseada na extração do látex (*Hevea brasiliensis*). Em 1860, por exemplo, já se preocupavam em expandir a exploração a montante do Baixo Rio Amazonas, especialmente na província do Amazonas (SILVA, 2018).

A expansão capitalista na Amazônia e a revolução industrial avançando em outros países fizeram surgir uma grande demanda pela borracha (*Hevea Brasiliensis*), o que exigiu uma mão de obra maior, ocasionando o primeiro grande fluxo de imigrantes para a Amazônia, em 1870, quando cerca de 500 mil pessoas migraram para a região, o que fez a economia experimentar um vertiginoso crescimento (VELHO, 2009 citado por SOUZA, 2017).

Com o fim do ciclo da borracha, em 1912, a economia foi direcionada para a coleta de castanha, o que permitiu uma leve recuperação da crise proveniente do fim do primeiro ciclo de exploração da borracha e evitou um êxodo em massa da mão de obra (MAGALHÃES, 2006).

De 1940 a 1945, se inicia um novo ciclo de exploração gomífera devido à Segunda Guerra Mundial, ocorrendo o segundo grande fluxo de imigrantes. Milhares de nordestinos foram recrutados como “soldados da borracha” para trabalhar nos seringais e fornecer látex para as indústrias estadunidenses que fomentavam a guerra, com isso o Brasil cumpria sua parte no acordo ao se colocar ao lado dos Estados Unidos no conflito (SILVA, 2018).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a Amazônia passou a explorar produtos que o mercado demandava, como juta, pimenta do reino, algodão e, em menor quantidade, pecuária (MAGALHÃES, 2006). É importante situar a história da economia da Amazônia porque é a partir dessas demandas internacionais que surge o interesse pela balata, e também por causa delas que ocorre seu declínio.

EXPLORAÇÃO DE BALATA NA AMAZÔNIA

É incerto definir geograficamente com precisão onde se deu a exploração da balata na Amazônia, principalmente no Amazonas, devido à dificuldade de acesso a dados mais específicos dos municípios e estados.

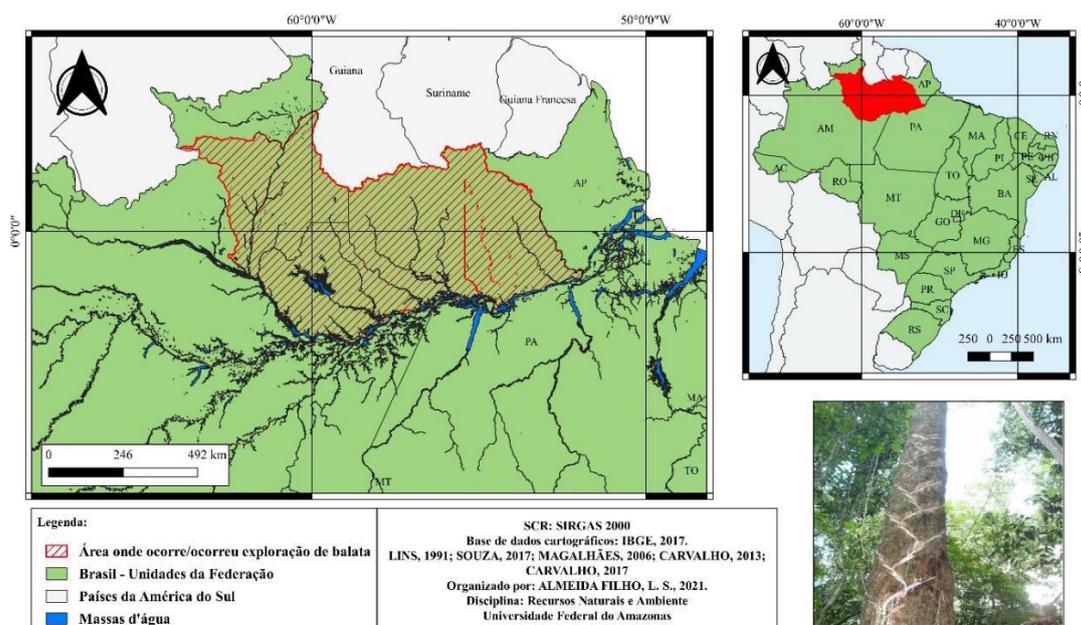
Segundo Lins (1991), a balateira (*Manilkara Bidentata*) vegeta somente na margem esquerda do Rio Amazonas e distante da calha norte do rio, sendo que sua incidência se dá somente até a margem direita do Rio Jari. Souza (2017) e Silva (2018) citam que Monte Alegre, Almerim e Alenquer, no oeste do Pará, foram municípios onde a exploração foi mais intensa no apogeu da exploração gomífera.

Em 1924, no sul do Território Federal do Rio Branco, que hoje corresponde ao estado de Roraima, Hamilton Rice, em expedição pelo vale do rio Anauá, destaca a região do alto Jauaperi como rico em balata (*Manilkara Bidentata*) e borracha (*Hevea brasiliensis*). Também no mesmo ano, Eggerath registrou que na floresta ribeirinha da mesorregião sul de Roraima havia diversos recursos naturais, entre eles, borracha, balata e castanha, que eram, nessa época, considerados recursos inesgotáveis no rio Branco. (MAGALHÃES, 2006).

Também é conhecida a ocorrência e importância de exploração de balata, além de Roraima (RR) e Pará (PA), no Amazonas (AM), Acre (AC), Venezuela, Costa Rica, Antilhas e Guianas, onde Simonian (2006) aponta presidiários e populações *Awak* e *Karib* como responsáveis pela exploração que usavam principalmente para produção de ornamentos, (SIMONIAN, 2006 citada por CARVALHO, 2013).

Carvalho (2013) menciona acentuada concentração de indivíduos da balateira na região das bacias dos rios Curuá, Maicuru e Paru, além do rio Jari, o que corrobora com os demais autores, ao estabelecer o Pará como principal explorador de balata. Carvalho, Souza e Cunha (2018) reforçam a informação da forte exploração de balata no município de Monte Alegre.

O mapa a seguir tenta espacializar a exploração da balateira na Amazônia e vale frisar que essas informações não abrangem todos os estudos realizados sobre a balata, correspondendo à distribuição das atividades a partir dos textos citados e não sobre a ocorrência das árvores de *Manilkara Bidentata*, que se trata de uma área bem maior e engloba Antilhas, Panamá e países do Norte da América do Sul (RIOS e PASTORE JR, 2011).



Mapa 1- Área de exploração de Balata na Amazônia. Fonte: CARVALHO, 2013; CARVALHO, 2017; IBGE, 2017; LINS, 1991; MAGALHÃES, 2006; SOUZA, 2017. Organizado por ALMEIDA FILHO, L. S., 2021.

EXTRAÇÃO DO LÁTEX

A Balateira é uma árvore produtora de látex, porém é de qualidade inferior ao da Seringueira, esse é um dos motivos pelos quais o extrativismo de balata não se destacou na economia da Amazônia. Ainda é importante destacar que balata, maçaranduba e rosadinha são látex extraídos de diferentes árvores amazônicas (MAGALHÃES, 2006).

A exploração da balata é feita onde ocorrem concentração de árvores e requer permanência continuada no local da coleta, esse local é denominado de balatal, geralmente situado muito distante das cidades, e, para exploração, são realizadas expedições que duram em média seis meses (SOUZA, 2017). O circuito em volta da atividade se inicia com os balateiros articulando a aquisição de mantimentos para as expedições, que, por sinal, eram bastante dispendiosas e arriscadas, principalmente devido às condições ruins de navegabilidade dos rios, que ofereciam riscos de morte e perda da produção, quando os blocos de balata se chocavam com as pedras (CARVALHO, 2017).

Monteiro (1943) cita que a extração ocorre a cerca de 100 a 150 quilômetros em linha reta das sedes, a vinte, trinta e quarenta dias de viagem nos municípios de Alenquer e de Monte Alegre, no Pará, em canoas a remo, nos rios Maicurú e Curuá, com cursos sinuosos e encachoeirados.

As técnicas usadas para sangria deveriam ser executadas com cuidado para que não se esgotasse a seiva e não comprometesse a sobrevivência da árvore, podendo ela ser aproveitada em outras safras (CARVALHO, 2017). É por isso que, no período do apogeu de exploração de balata, quase ocorre seu esgotamento, devido à alta demanda e a falta de preocupação do balateiro com a safra futura (MONTEIRO, 1943).

Para a coleta do látex, os balateiros utilizam um cinto forte com uma argola, na qual prendem as pontas a uma corda que abraça a árvore a ser sangrada, ou ainda um

cinturão regulado por chavetas acoplados a um cabo de aço preso à cintura (Figura 1); também botas com caneleiras de proteção e esporas de aço presas por francaletes que servem para cravar no tronco e fixar o balateiro a árvore, conforme figura 2 (SOUZA, 2017).



Figura 1- Balateiro realizando a sangria de uma balateira. Fonte: Fotografia de Itajury Kishi.



Figura 2 - Cinturão e caneleiras com esporas de aço. Fonte: PEPCA-UFOPA.

Além disso, os balateiros se equipam com terçado, peneiras, espingardas, tachos de ferro, esporas de aço e sacos de tecido ou lona que são impermeabilizados com a própria balata. Os sacos menores são chamados de embutidores, que ficam presos à árvore, armazenando o leite da balateira (Figura 3); e os sacos maiores chamados de carregadores, onde se acumula o látex de várias árvores para transporte (SOUZA, 2017).



Figura 3 - Balateiro fixando embutidor na base de uma balateira (*Manilkara Bidentata*). Fonte: Extraído do documentário de SANTOS, S., 1922.

Antes de iniciarem o corte de balata, os balateiros dividem as vias ou trilhas na floresta que serão exploradas por cada balateiro. O corte da balata é feito com um terçado ou machadinha. Com esses instrumentos, são feitos sulcos inclinados no tronco da esquerda para direita e outros da direita para esquerda, esses sulcos vão convergir até a base da árvore, onde fica o saco coletor. Os sulcos são alternados e distam entre si cerca de 20 a 40 centímetros, os cortes envolvem o tronco por completo e o balateiro inicia fazendo na base e vai até os últimos galhos no topo da balateira, conforme figura 4 (MONTEIRO, 1943; CARVALHO, 2017).



Figura 4 - Balateiras cortadas para sangria, observar o látex escorrendo no tronco. Fonte: da esquerda para direita: SANTOS, S., 1922; SILVA, 2016; ARAÚJO, M., 2012.

O látex escorre das incisões por mais ou menos uma hora e são colhidos de 20 a 30 litros por dia. A extração é feita no período chuvoso de cada ano, em regra, de janeiro a junho, porque, no verão, o látex fica bastante concentrado, o que faz ele não escorrer. O leite é levado ao fogo para ser cozido pelo período de aproximadamente duas horas. Com o cozimento, a água evapora e o látex coagula, até atingir certo ponto de densidade. Com uma palheta de madeira o balateiro mexe a massa para que não grude no fundo do recipiente; em seguida, a massa é retirada e levada ao puxador (LINS, 1991; SOUZA, 2017).

O puxador é um pedaço de madeira roliço, que fica posto como uma trave de futebol de 1,60 m de altura. A massa é jogada no puxador e se distende até cair em um jirau, que fica abaixo do puxador. Esse processo é repetido várias vezes, pois o objetivo dessa etapa é retirar impurezas e sujeiras, também dar elasticidade adequada, que é o indicativo de qualidade (LINS, 1991).

Da massa, são feitas lâminas, que são sobrepostas umas às outras em moldes forrados, para que não grudem no recipiente, que possui um furo onde é colocada uma barra de ferro ou madeira que será o orifício por onde será colocado um cabo de aço, que servirá para facilitar o transporte (LINS, 1991; SOUZA, 2017).

As lâminas vão solidificar em três dias e formar blocos que pesam cerca de 50 quilos (Kg) (figura 5). Com as sobras, são feitas bolas de peso com cerca de 15 Kg. Em uma produção, cada balateiro produz em média uma tonelada de balata. Os blocos ficam submersos em igarapés para garantir durabilidade e facilitar o transporte, conforme figura 6 (SOUZA, 2017).



Figura 5 – Fotografia representativa dos blocos de balata. Fonte: SILVA, M. A., 2018.



Figura 6 – Blocos de balata submersos em igarapé, balateiros ao fundo. Fonte: Fotografia de SOUZA, B. R. G., 2017.

Essa não se trata da única forma de se extrair o látex da balateira, porém é a mais amplamente utilizada. Em 1907, Hubert escreve que na Venezuela a árvore era derrubada e seu leite escorria dentro de vasilhames, por meio de cortes feitos no tronco quando estava em posição horizontal, e, por isso, já havia preocupação a respeito da conservação da espécie e de medidas de replantio (CARVALHO, 2013; RIOS e PASTORE JR, 2011).

CIRCUITO ECONÔMICO DA BALATA E RELAÇÕES DE TRABALHO

A primeira vez que se tomou conhecimento da balata foi em 1857, quando Bleekrode apresentou uma comunicação na Sociedade das Artes e publicou um artigo. No final dos anos de 1800, aplicações industriais na Europa passaram a demandar grande volume de látex beneficiado para uso em diversos setores, como “a construção civil e naval e a produção de correias de transmissão; além disso, era usado nas atividades produtivas de materiais telefônicos, odontológicos, telégrafos, isolantes, eletrônicos e de iluminação, também solas, polias, bolas de golfe e outros artigos impermeáveis” (CARVALHO, 2013).

Rios e Pastore Jr. (2011) apontam que a balateira (*Manilkara Bidentata*) é dotada de características que possibilitam que seja usada para fins alimentícios, artesanais, isolan-

tes, medicinais, têxtil e produção de pequenos objetos, como brinquedos. Os frutos são comestíveis, o látex misturado a água pode ser usado para alimentação humana, é um bom substituto dos chicletes; as folhas são consideradas antiparalíticas e também são usadas para retirar larvas quando há infecção do tipo berne e parasitas no corpo humano; a casca do caule é usado como emético; a decocção do caule cura disenteria; e a espécie é usada também para tratar pedra nos rins.

O látex é usado para confecção de bolas de golfe, tecidos impermeáveis, é empregado na odontologia para confecção de implantes, também pode ser usado como cola e, quando feito em lâminas, é excelente para confecção de correias de transmissão e também para produção de madeira de qualidade. A balata é resistente a ataques de fungos e cupins, pode ser usada em instrumentos musicais, mesas de bilhar, móveis, pontes, obras hidráulicas e combustível de alto grau calorífero (RIOS; PASTORE JR, 2011).

Mesmo que a balata tenha tido uma menor abrangência em relação à borracha da seringueira, foi importante para a economia do norte do Brasil, especialmente no Pará, sendo responsável por fomentar a economia do Baixo Amazonas, onde o ápice da exploração ocorreu entre 1930 e 1970 (CARVALHO, 2017).

Segundo Carvalho (2013), as relações de trabalho e vínculos se davam por meio do Aviamento, que basicamente é um sistema onde o comerciante ou aviador adianta bens de consumo e instrumentos de trabalho a crédito, que era pago posteriormente com produtos extrativos ou agrícolas. Esse sistema possibilitava inserir o produtor no mercado, desde o regional até o internacional, já que empresas também faziam esses investimentos (ARAMBURU, 1994 citado por CARVALHO, 2013).

A partir das demandas do mercado externo, os patrões (investidores/empresários) colocavam intermediários, denominados encarregados ou chefes de turma, para recrutarem os balateiros, a fim de atender as encomendas. Os intermediários realizavam excursões nos balatais para verificar disponibilidade de matéria prima, e, após o levantamento da quantidade de balateiros requeridos e da oferta do látex, o patrão fornecia os insumos, que incluíam: medicamentos, roupas, calçados, alimentos industrializados, ferramentas de trabalho e um abono em dinheiro, como uma forma de pagamento antecipado para que o balateiro pudesse deixar mantimentos para sua família, já que a exploração de balata durava meses (SOUZA, 2017).

O sistema de aviamento fazia transitar produtos diversos, de origem estranha do universo local dos balateiros, quando adiantados em forma de crédito, e a balata da floresta para a cidade e da cidade para o estrangeiro, de modo que os aviadores desempenhavam o papel de atravessadores da balata até o consumidor final (SOUZA, 2017).

Na cadeia de exploração, no topo da hierarquia, estavam os patrões estrangeiros, que compravam o produto final e ficavam em Manaus ou Belém articulando as exportações, que tinham como principal destino a Europa e os Estados Unidos (CARVALHO, 2013). Convém mencionar Joaquim Gonçalves de Araújo (J. G. de Araújo), que se radicou em Manaus. Era um português, dono de uma casa comercial de importação e exportação,

que, dentre os produtos que trabalhava, incluía também a balata, figura 7 (LOUREIRO, A. J. S., citado por MAGALHÃES, 2006).



Figura 7 – Lote de balatas em blocos, do rio Negro dando entrada em um dos armazéns da firma J. G. de Araújo em Manaus. Fonte: SANTOS, S., 1922.

Em seguida, vinham os representantes desses patrões que negociavam em nome dos patrões estrangeiros. Os patrões locais eram quem aviavam os balateiros e abaixo dos patrões locais havia o encarregado, frequentemente era um pequeno produtor ou comerciante, conhecido e relativamente próximo dos balateiros. O que o diferenciava dos balateiros era que possuíam certo recurso para mandar alguém explorar a floresta e identificar balatais. Por fim, na base, a exploração ficava a cargo de mateiros, gateiros e os balateiros (CARVALHO, 2013).

Na década de 1970, ocorreu o declínio da produção de balata, principalmente pela substituição nas suas aplicações por materiais sintéticos mais baratos e mais eficazes, se levados em conta os custos que eram despendidos para obtenção de balata. Devido a isso, toneladas de blocos de balata apodreceram nos galpões em Belém e em Manaus, e o ofício do balateiro também caiu em desprestígio (SILVA, 2018).

Como a atividade extrativa à época dependia do comércio internacional, a perda de interesse pelo mercado fez com que balateiros se ocupassem de outras formas, principalmente na pesca, agricultura e no garimpo. Houve o desmantelamento do sistema de aviamento e, como consequência, o fim de créditos aos balateiros. Sem mercado, a balata e todas as relações econômicas e históricas em volta se tornaram pouco estudadas (SOUZA, 2017).

A EXTRAÇÃO DE BALATA ATUALMENTE

Hoje em dia, o extrativismo de balata ainda ocorre, mas sem as figuras representativas que intermediavam a produção e o comércio, já que os próprios balateiros produzem e vendem a balata. É válido ressaltar que, a partir de 2005, esforços de instituições públicas, como a Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), o Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (IPHAN) e instituições da sociedade civil organizada, como Associação Hortoflorestal de Monte Alegre, foram direcionados a prestar apoio para as atividades em balatais, principalmente em Monte Alegre (SILVA, 2019).

É errôneo afirmar que o extrativismo de balata tenha se encerrado no século XX, pois, apesar de bem menos volumoso, ele ainda ocorre no baixo Amazonas e é feito principalmente para abastecer o mercado de artesanato figurativo. Até os anos 2000, o fornecimento de balata se deu pelo avião, mas de pequenos aviadores que têm interesse na goma para o artesanato. Às vezes, o próprio artesão assume o papel de patrão e intermediário de balata (SOUZA, 2017).

A produção atual é quase insignificante se comparada à produção conhecida no século XX, quando apenas um único balateiro conseguia coletar entre uma e duas toneladas do látex. Hoje a produção total é a mesma de um único balateiro do antigamente. Silva (2019) argumenta que isso se dá principalmente porque a demanda dos artesãos é baixa, além do mais, os balateiros ativos já possuem idade avançada e a produção demanda alto custo e grande esforço físico.

O gráfico a seguir mostra como se comportou a produção de balata e outras gomas não elásticas de acordo com a classificação do IBGE, a partir de 1986 até 2019. É importante frisar que o Instituto estabelece balata como uma goma diferente da maçaranduba e alguns autores, como Monteiro (1943), colocam a goma da maçaranduba como balata de maçaranduba.

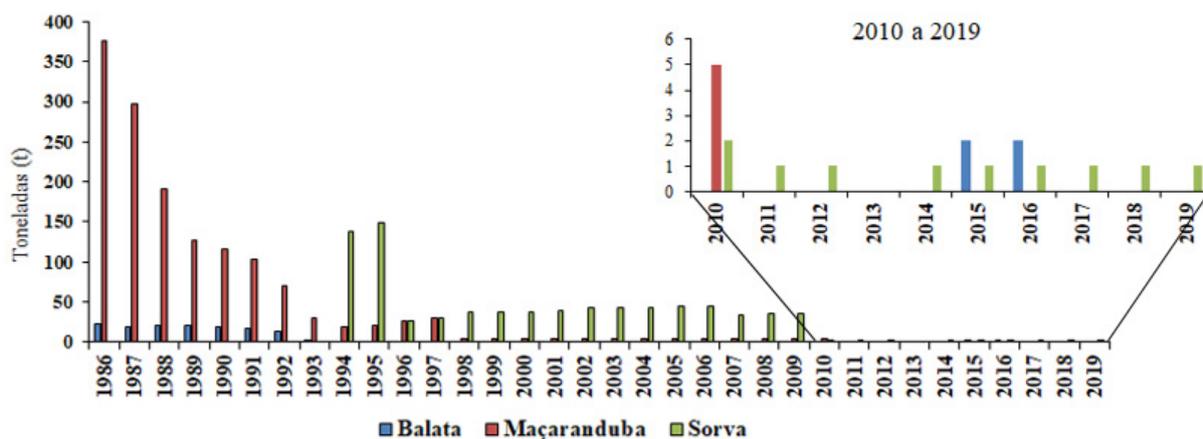


Gráfico 1 – Produção de Gomas não elásticas: balata, maçaranduba e sorva no Brasil de 1986 a 2019 em toneladas. Fonte: SIDRA-IBGE, 2019.

A produção correspondente em cada ano geralmente é realizada apenas por um estado da federação, o Pará, que continua sendo o maior produtor de balata no Brasil e onde o artesanato em balata é considerado Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, é possível estabelecer que fatores como as dificuldades de acesso aos balatais; a qualidade inferior do látex da balateira; a demora para reposição da seiva após exploração, que demora entre 6 e 15 anos; os custos elevados de investimentos para obtenção são razões que, juntas, contribuíram para que a balata não tivesse atributos que lhe proporcionassem competitividade com os substitutos sintéticos.

Diferente de outros recursos que chegaram próximo do esgotamento devido à ameaça de extinção, o declínio da produção da balata se deu pela sua substituição por sintéticos. Mas, mesmo assim, no período do seu apogeu, chegou próximo de se exaurir porque as diferentes formas de extração, se não for tomado o devido cuidado, comprometem a sobrevivência das árvores.

O estado do Pará foi o principal polo de produção de balata, mas regiões como a mesorregião sul do hoje estado de Roraima e localidades da bacia do Rio Branco também tiveram forte presença da exploração da goma, principalmente para abastecer Manaus e a exportação.

A exploração gomífera foi fundamental para o desenvolvimento econômico da região norte do Brasil, e, como tendo como principal ferramenta o extrativismo, mostra que a floresta amazônica muito tem a oferecer estando de pé e que o seu desenvolvimento no futuro, se trabalhado em conjunto com os anseios das comunidades, povos e pessoas que vivem dentro dos seus limites e contextos, pode oferecer um padrão de economia que não vai agredir o ambiente e também não vai desconsiderar problemáticas relacionadas a desigualdades regionais e sociais.

A cultura, as relações de trabalho e a memória dos balateiros são elementos importantes que mantêm viva a história da exploração de balata e hoje constituem a principal e mais importante fonte de consulta sobre o assunto. É preciso que mais estudos sejam realizados para organizar e situar a balata no meio acadêmico e científico, já que foi protagonista para a economia no Oeste do Pará.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JR, E. B. de. **Diversidade de *Manilkara Adans. (Sapotaceae)* para o Nordeste do Brasil**. Tese de doutorado, Programa de pós graduação em botânica da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede/handle/tede2/4792> Acesso em: 18 de ago. 2021.
- ALTMAN, R. F. A. Estudo químico de plantas amazônicas. **Boletim técnico do Instituto Agrônomo do Pará**, Biblioteca EMBRAPA, Belém, 1956. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/375642/1/IANBT31P67.pdf> Acesso em: 15 de ago. 2021.
- ARAMBURU, M. Aviamento, modernidade e pós-modernidade na Amazônia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 25, 1994. Disponível em: http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/25/rbcs25_09.pdf Acesso em: 18 de ago. 2021.
- CARVALHO, A. F. “**Vila de Mulher só**”: O trabalho invisível das mulheres dos balateiros de Monte Alegre. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Recursos Naturais da Amazônia da Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/288> Acesso em: 22 de ago. 2021.
- CARVALHO, L. G. C.; SOUZA, B. R. G.; CUNHA, A. P. A. ‘Passaporte para a floresta’: a regulação do extrativismo de balata na Floresta Estadual do Paru, estado do Pará, Brasil. **Boletim do Museu do Paraense Emilio Goeldi**, ciências humanas, Belém, vol.13, n. 2, p. 261-291, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/fCspGZMFsVmvGFrWQqNntQ/?lang=pt> Acesso em: 25 de ago. 2021.
- CARVALHO, L. G. Relações de trabalho nos balatais do Pará. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 39, p. 373-400, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/NYgL4kLRFCGMKW9KGcQG3nt/abstract/?lang=pt> Acesso em: 25 de ago. 2021.
- GOMES, P. B. **Química e atividade antimicrobiana de *Manilkara Huberi (DUCKE)* A. CHEV. (Maçaranduba)**. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Biotecnologia de produtos bioativos da Universidade

- Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1695> Acesso em: 24 de ago. 2021.
- HOMMA, A. K. O. Tentativa de interpretação do extrativismo amazônico. In: HÉBETTE, Jean (Org.). **Ciência e tecnologia para Amazônia**. Belém: Cadernos NAEA, 1983. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1055969/tentativa-de-interpretacao-do-extrativismo-amazonico> Acesso em: 22 de ago. de 2021.
- LINS, C. Jari: Setenta anos de história. Rio de Janeiro, **DATAFORMA**, 1991. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/102618707/JARI-70-ANOS-DE-HISTORIA-Cristovao-Lins> Acesso em: 27 de ago. 2021.
- MAGALHÃES, M. G. S. D. **Amazônia Brasileira**: processo histórico do extrativismo vegetal na mesorregião sul de Roraima. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em História das Sociedades Ibero-Americanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2470> Acesso em: 25 de ago. 2021.
- MONTEIRO, F. P. **Observações sobre a extração de borracha de sapium, de balata, de massaranduba e outras gomas afins**. Instituto Agrônomo do Norte, Biblioteca EMBRAPA, Belém, 1943. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/doc/374265> Acesso em: 28 de ago. 2021.
- No paiz das Amazonas**. Direção de Silvino Santos. Produção de Joaquim Gonçalves de Araújo. 1922. Documentário online (2h23min32seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vz7RqIDRRn0> Acesso em: 15 de ago. de 2021.
- ROCHA, N. M. S. Sapotaceae. In: RIOS, Mary Naves da Silva; PASTORE JR, Floriano (Org). **Plantas da Amazônia: 450 espécies de uso geral**. Brasília: Universidade de Brasília, Biblioteca central, 2011, p. 3109-3115. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35458> Acesso em: 22 de ago. 2021.
- SILVA, M. A. **Faz do rio o caminho e da mata sua morada – balateiros do Maicuru**: sociabilidades, história e memória como garantia de direitos territoriais e socioculturais. Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação em Ciências da Sociedade da Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/431> Acesso em: 25 de ago. 2021
- SILVA, M. A. Balateiros da Flota do Paru: relações de trabalho, conhecimentos tradicionais e memória como experiência social. **Revista Ciências da Sociedade (RCS)**, vol. 2, n. 3. 2018. p. 260-280. Acesso em: <http://ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistacienciasdasociedade/article/view/630> Acesso em: 25 de ago. 2021.
- SOUZA, B. R. G. **Balata**: da floresta à feira. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Recursos Naturais da Amazônia, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/289> Acesso em: 22 de ago. 2021.